



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ESTER FEIJÓ LOPES

**A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO
CONTEXTO DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

FORTALEZA

2021

ESTER FEIJÓ LOPES

**A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO
CONTEXTO DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia e obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Alex Sandro Coitinho Sant'Ana.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L851a Lopes, Ester Feijó.

A atuação do professor do 5o ano do Ensino Fundamental no contexto do ensino remoto em tempos de pandemia / Ester Feijó Lopes. – 2021.

45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,
Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Alex Sandro Coitinho Sant'Ana.

1. Ensino remoto. 2. Trabalho docente. 3. Educação. I. Título.

CDD 370

ESTER FEIJÓ LOPES

**A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO
CONTEXTO DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia e obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Alex Sandro Coitinho Sant'Ana.

Aprovado em: 19/08/2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alex Sandro Coitinho Sant'Ana
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Hermínio Borges Neto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Drª. Antonia de Lis de Maria Martins Torres
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo investigar os desafios e as contribuições do ensino remoto, para a prática educativa do professor do 5º ano, no período de pandemia. A pesquisa se caracterizou por ser de cunho qualitativo e fenomenológico, para tanto foram realizadas entrevistas que ocorreram com três professoras do quinto ano do fundamental de forma semi-estruturada. Buscamos para aporte teórico estudos consistentes e como autores tivemos Benedito e Filho (2020), Brasil (1996 e 2020), Cosenza (2011), Gatti (2021), Gil (2018), Mattar (2011), Bacich, Neto e Trevisani (2015), entre outros. Ao analisar os dados, observamos algumas semelhanças e diferenças nas experiências das professoras, com desafios próprios da realidade vivida, mas com aprendizados significantes em suas vidas profissionais. Podemos concluir, que o ensino remoto trouxe pontos positivos, como a reinvenção da prática educativa e uma melhor relação escola-família, e pontos negativos, por exemplo, estudantes sem um completo aprendizado e uma perda na interação entre o professor e o aprendiz. Um estudo posterior sobre a repercussão dessa experiência seria interessante.

Palavras- chave: Ensino remoto; Trabalho docente; Educação.

ABSTRACT

This course completion work had as objective to investigate the challenges and contributions of remote learning to the educational practice of the 5th grade teacher during the pandemic period. The research was characterized by being of a qualitative and phenomenological nature, therefore, interviews were conducted with three teachers from the fifth year of elementary school in a semi-structured way. We search for theoretical support consistent studies, and as authors we had: Benedito and Filho (2020), Brazil (1996 and 2020), Cosenza (2011), Gatti (2021), Gil (2018), Mattar (2011), Bacich, Neto and Trevisani (2015), among others. In data analysis, we observed some similarities and differences in the teachers' experiences, with challenges inherent to the lives' reality, but with significant learning in their professional lifes. We can conclude that remote learning brought positive points, such as the reinvention of educational practice and a better school-family relationship, and negative points, for example, students without complete learning and a loss in the interaction between teacher and learner. A further study of the repercussions of this experience would be interesting.

Keywords: Remote teaching; Teaching work; Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA PRÁTICA DE ENSINO DO PROFESSOR.....	13
3. AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO REMOTO NA ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO CONTEXTO DA PANDEMIA.....	22
4. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO.....	28
5. METODOLOGIA.....	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

A educação a distância (EaD), de acordo com Azevedo (2018 apud LITTO; FORMIGA, 2009), surgiu por volta de 1729, ocorrendo pela forma de curso por correspondências. Ao longo dos anos ela foi se modificando, sendo que aqui no Brasil, segundo Lima (2012), ela iniciou por volta de 1939 com o instituto Rádio-monitor. Já em 1941 foi promovida pelo Instituto Universal Brasileiro os cursos à distância por meio de correspondências, sendo enviadas as cartilhas e as orientações através dos correios e devolvidos pelos alunos da mesma forma (FARIA, 2010). Em 1970, foi criado o projeto minerva que, por meio da rádio após o programa voz do Brasil, promovia a alfabetização de adultos (PINHEIRO, 2016). Logo após, em 1974, houve o surgimento da TV Educativa, hoje chamada de TV Ceará, nascendo assim a proposta pedagógica da teleeducação para todo o Ceará, ofertando aulas inicialmente para as quintas e sextas séries do 1º grau, com 4.139 telealunos (SOUSA, 1979).

Por fim, com o avanço da internet, a Educação a Distância trouxe novos formatos. Segundo Mattar (2011), a EaD tem três gerações e a terceira se chama EaD on-line. Ele relata que “por volta de 1995, com o crescimento explosivo da internet, pode-se observar um ponto de ruptura na história da EaD. Surge um novo território para a educação, o espaço virtual da aprendizagem, digital e com base na rede” (MATTAR, 2011, p. 6).

A EaD tem leis, regulamentos e programas que são fundamentais para sua definição como modalidade de ensino, para seu pleno funcionamento e oferta de cursos das mais variadas áreas de conhecimento, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei Nº 9394/96 no artigo 80, que diz “o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”; a Resolução nº 1, de 11 de março de 2016, com as diretrizes e normas para a EaD nos cursos de nível superior, e o Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, que regulamenta o art. 80 da LDB 9394/96, permitindo maior flexibilidade e avanços para a modalidade, sendo ofertada tanto para a Educação Básica quanto para a educação superior. Atualmente, existem divergências de opiniões com relação a essa modalidade de ensino, uns se

colocam a favor e outros contra, como demonstra um resultado de pesquisa etnográfica sobre uma disciplina que ocorre em EaD, em que os autores concluíram que “enquanto os alunos se mostram perdidos e insatisfeitos, os formadores enxergam uma grande inovação nos recursos para efetivação do desenvolvimento do aluno” (ROCHA et al., 2014, p. 15).

Contudo, diante da chegada da COVID-19, como relata a notícia: “Uma das primeiras medidas tomadas por governos de todo o mundo no começo da pandemia de covid-19, em março de 2020, foi o fechamento das escolas.” (G1, 2021). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) o SARS- CoV-2 é o responsável pelos óbitos e infecções ao redor do mundo desde o final de 2019, chegando ao Brasil em fevereiro de 2020. Este vírus apresentou riscos letais por se fazer parte da classe dos coronavírus, o que respaldou a elaboração de medidas de distanciamento e de higiene (SOARES; SHOEN, 2020). Como visto, o mundo inteiro foi afetado e por ser altamente contagioso precisou-se de isolamento social rígido, as escolas tiveram que fechar e o ensino precisou ser adaptado para que os alunos não tivessem grandes prejuízos. A solução encontrada por muitas escolas e professores, e também uma das orientações do conselho nacional de educação segundo Brasil (2020) foi a utilização das tecnologias que aproximaram as pessoas, em meio a distância física. Ocorreu, então, a transposição do ensino presencial para as atividades pedagógicas não presenciais, ocorrendo uma apropriação social e educacional por meio do termo “ensino remoto emergencial”, embora o documento não mencione explicitamente essa nomenclatura.

A escolha desse tema foi motivada pelo interesse em pesquisar sobre a atuação do professor do 5º ano do ensino fundamental no ensino remoto, que foi e está sendo uma pauta na área educacional em questão da análise de suas possibilidades e debilidades, através de publicação de guias, como o guia de possibilidades de organização pedagógica no período remoto organizado pela Secretária da Educação do Ceará (SEDUC- CE) em 2020, e palestras, por exemplo o ciclo de palestras sobre “Avaliação de aprendizagem no ensino remoto: Teorias e práticas”, promovido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por meio do YouTube em 23 de outubro de 2020 . A escolha por esse ano que compõe mais uma etapa da Educação Básica se justifica devido a

faixa etária desses alunos que por ser crianças maiores já tem um certo conhecimento e experiência com o manuseio de aparelhos de comunicação, como celulares e computadores, além de já estarem alfabetizadas.

Além disso, na bolsa de gestão acadêmica da Universidade Federal do Ceará (UFC) em que ocorreu a atuação da autora principal deste trabalho no ano de 2020, tendo sido realizado o estudo sobre o parecer CNE/CP nº 5/2020, o qual aborda a reorganização do calendário escolar e as possibilidades de ensino não presencial de acordo com cada etapa do ensino, foi outro motivo para a escolha da temática, e a partir disso despertou o interesse em pesquisar mais a fundo como esse ensino ocorreu na prática.

Retomando a temática do EaD e do ensino remoto emergencial, é trazido o seguinte questionamento: educação a distância e o ensino remoto são iguais? A EaD, como já falado é uma forma de ensino e tem sua estrutura própria, “a EAD é uma modalidade de educação, planejada por docentes ou instituições, em que professores e alunos estão separados espacialmente e diversas tecnologias de comunicação são utilizadas” (MATTAR, 2011, p. 3). A educação à distância já possui referenciais de qualidade que falam sobre diversas tecnologias referentes a esse tipo de funcionamento (BRASIL, 2007). No caso do ensino remoto emergencial, de acordo com Brasil (2020), é um conjunto de atividades pedagógicas não presenciais mediadas ou não por tecnologias digitais. Devido ao longo período de suspensão das atividades presenciais, as mesmas foram vistas como a solução que mais abrange as realidades dos alunos, que podem não ter acesso as diversas tecnologias disponíveis, podendo assim acontecer de diversas formas. Por exemplo, em meios digitais, programas de rádio ou televisão e material didático impresso. Diante da necessidade momentânea de transformação decorrente da impossibilidade do uso do espaço físico da sala de aula, em razão da pandemia, a tecnologia digital tornou-se primordial para a continuação do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, foi preciso que os professores prosseguissem trabalhando os conteúdos com os alunos, encontrando meios para manter a comunicação de forma coerente para portanto superar o desafio de conservar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem considerando todas as inovações e limitações do contexto educacional.

Sobre a questão ora exposta, a diferença entre EaD e ensino remoto emergencial está na forma como são propostos para os alunos, visto que aquela é especialmente voltada para um público específico, precisa ser mediada por tecnologia e para isso é necessária a formação do docente, já a segunda é para todos os alunos de maneira geral, e pode ou não ser mediada por tecnologia, sendo que elas se assemelham por não haver, em alguns casos, um espaço físico de trocas entre professor e aluno. Portanto, para esse estudo adotaremos que EaD e ensino remoto emergencial não correspondem como sendo iguais, mas que se aproximam em algumas características.

Nesse cenário, em que todos os professores viveram essa realidade, abriram-se possibilidades de pesquisa nessa área, as quais envolvem a questão das metodologias ativas de aprendizagem e o ensino híbrido, conforme discute Gatti (2020). Com base na interpretação da Gatti, consideramos no âmbito desse TCC que este estudo é de relevância para a educação principalmente no referente à utilização de tecnologias para o ensino. Além disso, traz um enriquecimento da ação docente e um desempenho significativo na construção de conhecimento e interação dos alunos.

Este TCC possui ainda o intuito de aprofundar como ocorreu o desempenho dos professores na prática do ensino remoto, quais recursos foram necessários, como ocorreu o processo de avaliação, quais os desafios, contribuições e possibilidades de construção de conhecimento no decorrer dessa prática de ensino. A questão principal é: Quais foram os desafios e as contribuições do ensino remoto para a atuação do professor no contexto de pandemia em turmas do 5º ano do Ensino Fundamental? Por isso, a pesquisa também buscou analisar se os objetivos desses profissionais foram alcançados, como podem ser aprimorados e como eles repensaram sua prática nesse contexto de pandemia. Neste estudo compreendo que todas as questões ora apontadas possuem o intuito de buscar e pensar sobre como trazer um maior desenvolvimento e resultados significativos no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para otimização da educação.

Dessa maneira, o objetivo geral deste trabalho foi o de analisar os desafios e as contribuições do ensino remoto no que se refere à atuação do

professor do 5º ano no contexto atual da pandemia. E como objetivos específicos houve o intuito de identificar os desafios do ensino remoto na prática de ensino do professor; compreender como ocorreu a atuação do professor no ensino remoto no contexto da pandemia; e ainda entender e verificar a importância das tecnologias de ensino, metodologias ativas e ensino híbrido na educação.

Nesta introdução ao trabalho você conferiu uma apresentação do tema. Já no segundo e terceiro capítulo, abordaremos os desafios e as contribuições do ensino remoto, respectivamente, com base nos relatos das docentes entrevistadas. Temos no quarto capítulo uma apresentação e discussão das ferramentas digitais na educação no contexto de ensino remoto. Já no quinto é apresentado ao leitor a metodologia utilizada para a realização da pesquisa e, por fim, no sexto capítulo, são apresentadas as considerações finais.

2. OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA PRÁTICA DE ENSINO DO PROFESSOR

Com o propósito de investigar quais foram os desafios e as contribuições do ensino remoto para a atuação do professor, no contexto de pandemia em turmas do 5º ano do Ensino Fundamental, preferiu-se por realizar uma pesquisa qualitativa e de cunho fenomenológico que, conforme Gil (2017), valoriza a experiência do sujeito e a maneira como ele a experienciou, sendo ela o fenômeno que aparece à sua consciência e a forma, para a partir disso chegar a interpretação do mundo.

Com base nisso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas permitindo os sujeitos expressarem, a partir de suas falas, como foram suas vivências com o ensino remoto. Ao todo, ocorreram três entrevistas cada uma com uma professora do 5º ano, ao longo dos próximos três capítulos, contando com esse, será fundamentado e comentado as suas experiências, e para manter o sigilo das identidades seus nomes foram trocados.

Ao longo de toda a entrevista elas trouxeram os desafios do ensino remoto, expressando suas dificuldades não só quando questionadas sobre eles, mas nas diversas questões como, rotina de trabalho, experiências com o ensino remoto, qualidade de ensino e participação dos alunos, da família e da escola. Para melhor compreensão e organização, os desafios foram divididos em categorias. A primeira, comum para as três professoras, foi sobre o **acesso a internet e falta de dispositivos**, sendo que a professora Camila colocou que foi um problema recorrente em sua turma, como ela expõe em sua fala:

[...] A gente começou a enfrentar também questões de acesso à internet, dispositivos que não tinha, então assim isso tudo foram entraves, foram empecilhos para poder a gente conseguir encontrar um rumo para tentar desenvolver um trabalho, porque é muito diferente a realidade pública da privada por exemplo, é um desafio muito grande, a gente tentar conciliar essa aprendizagem de alguma maneira, que ela tem que haver, mas eu acho que acabou expondo, trazendo a tona, essa realidade tão cruel, que a gente atende a um público específico, se a gente for comparar às várias periferias, há especificidades, mas que tem bairros que são mais carentes do que outros, isso tudo vai refletir nesse acesso a aprendizagem da criança, na construção desse conhecimento, é muito difícil [...]a realidade que a gente tem no fundamental I com essas crianças, é de muitas vezes um celular pra várias crianças[...] (CAMILA)

Já a professora Mônica relata que por conta desse problema, com frequência se torna um motivo de desculpa utilizada pelos alunos em alguns momentos da aula:

[...] Ainda hoje o maior problema são as quedas de internet, às vezes, por exemplo, você vai fazer uma intervenção e chama aquele aluno e ele não quer participar, ai ele sai, ai depois diz “Ah eu tive uma queda de internet” acabou se tornando uma fuga sabe.[...] (MÔNICA)

Por fim, a professora Thais que trabalhou esse período em duas instituições diferentes, ambas na turma de 5º ano, uma localizada no município de Maranguape e a outra em uma escola Militar, aquela ela encontra esse desafio, conforme menciona:

[...] Já na realidade do Maranguape, é diferente porque as crianças não tem internet, a maioria não tem nem celular, a nossa aula lá não é com plataforma, é pelo WhatsApp, lá eu sinto mais dificuldade, porque às vezes a mãe tá trabalhando, a criança só faz o dever a noite. [...] (THAIS)

Então, como visto, é comum para as três professoras a dificuldade de acesso a internet e aos recursos tecnológicos, como o celular, isso prejudicou a participação dos alunos, suas devolutivas e desenvolvimento. Sobre esse desafio Benedito e Filho (2020) colocam que mesmo com o auxílio e suporte da SEDUC e secretarias para o uso das ferramentas digitais, o resultado não tem sido como o esperado, justamente por esses alunos não terem acesso a um smartphone, tendo que utilizar frequentemente um aparelho dos pais ou familiares.

O segundo desafio que as professoras comentaram foi sobre a impossibilidade de frequentemente ver **as expressões dos alunos e obter a interação deles** no cotidiano escolar, porque não tem um contato visual com eles ou porque não ligam as câmeras. A professora Camila fala sobre esse desafio ao ser questionada sobre a qualidade de ensino nesse novo modo remoto:

[...] eu acho que deixa muito a desejar qualitativamente, devido a essas próprias questões que eu já pontuei antes, da dificuldade de acesso, dessa não sincronicidade na maioria das vezes da aula, porque você está na sala de aula e o aluno tem uma dúvida já te pergunta na hora, você consegue ler o aluno presencialmente, a expressão, o corpo fala, a expressão facial, você consegue desenvolver trabalhos em grupo, porque essa socialização ela é muito importante, os processos de ensino-aprendizagem, nesse trabalho em grupo às trocas de ideia, eu

acho que é uma coisa que a gente perde muito nesse ambiente virtual [...] (CAMILA)

No seu caso, ela acompanha seus alunos via WhatsApp, por meio do grupo dos pais e as devolutivas que eles enviam. Algo salutar pontuado por ela é a importância de enxergar as expressões dos alunos e a socialização para a relação ensino- aprendizagem, o que nos remete o teórico Vygostky. Sua teoria aborda a importância do meio e da interação para o processo de aprendizagem, em que as crianças aprendem com as outras, como Oliveira e Stolz (2010) o cita quando aborda sobre o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), na qual a criança juntamente com seus conhecimentos já existentes, vai promovendo uma troca de experiência com outras crianças e assim se desenvolvem mutuamente. A professora Mônica também compartilha sobre o desafio de observar as expressões dos alunos, quando diz:

[...] outro desafio sabe qual é deixar a câmera ligada, a participação na transmissão ao vivo da aula porque muitas vezes acontece o professor ficar dando aula sozinho, os meninos todos com a câmera desligada, e só Deus sabe o que é que eles estão fazendo, naquele momento que o professor tá dando aula, quando a gente tá com os alunos dentro de sala você consegue perceber uma expressão de não entendi professor, mesmo que ele não fale, a gente que tem um tempo de sala de aula... mas você olhando, olho no olho, você percebe que ele não tá entendendo, então você retoma, "tá claro? tá todo mundo compreendendo?" e você olhando ali você consegue perceber e vai num ritmo mais devagar ou acelera, dependendo do ritmo da turma e remoto que você não consegue ver olho no olho? e muitas vezes os alunos ficam todos com a câmera desligada, é muito difícil e aí vai passando, vai passando e eles vão fazendo uma avaliação e depois outra, vão terminando às etapas e a gente vai deixando essas demandas para trás, infelizmente. [...] (MÔNICA)

Na sua prática a mesma utiliza como recurso para a realização das aulas o Google Meet, sendo que nele ela já consegue ter um contato visual com seus alunos, embora haja aqueles que, como ela relata, não ligam as câmeras. Com base no exposto pela docente é possível inferir que se trata de uma situação que traz conflitos para o exercício de sua didática, pois não consegue observar se eles estão atentos e compreendendo o que está sendo falado. A professora Thais vivencia situação similar em Maranguape, conforme podemos verificar no relato abaixo:

Eu acho que deixa, no caso do Maranguape, a desejar. As crianças perdem, porque não tem aquela interação, eu e elas ao mesmo tempo, já no Militar não, porque tem aquele momento do Meet, onde eu interajo na hora com as crianças, tira uma dúvida na mesma hora, uma curiosidade "vamos olhar aqui na internet e a gente compartilha", já no

Maranguape deixa a desejar, porque eu não tenho esse feedback ao mesmo tempo com as crianças fica faltando alguma coisa (THAIS)

Em sua fala, a educadora compara as duas instituições na qual trabalha, sendo que na escola de Maranguape suas aulas e comunicação estão acontecendo pelo WhatsApp e, segundo a mesma, isso atrapalha na qualidade do ensino, visto que não consegue estar ali ao mesmo tempo da criança, como na escola militar em que ela realiza suas aulas por meio do Google Meet e consegue ali ter um contato mais efetivo com seus alunos. Silva, Passos e Arruda (2013) falam que esses sinais não verbais, gestos e expressões faciais se tornam fundamental na relação professor- aluno e são observados por professores que já carregam uma certa experiência, ou seja, são incorporados ao saber docente, essas expressões não verbais permitem ao professor observar o que se passa com aquele aluno, auxiliando na sua prática.

O terceiro desafio, comum às duas professoras, foi sobre o **se reinventar profissionalmente** quanto ao uso das tecnologias na sua profissão, visto que foi o meio predominante de acesso ao estudante neste período. A professora Camila coloca que:

[...] forçou de uma certa maneira o professor a se apropriar dessas ferramentas tecnológicas pra uso pedagógico, havia por exemplo uma resistência muito grande, sei lá, de uso de celular em sala de aula, ou enfim, esse tipo de coisa, e aí a pandemia acabou trazendo que a gente teve também que se reinventar, reinventar enquanto profissional, e também reinventar sua forma de ensinar e eles também de aprender, então assim, é difícil, é desafiador, mas também tem esse lado de crescimento, acho que tem esses dois lados, o lado positivo e o lado negativo. (CAMILA)

Da mesma forma, a professora Thais traz essa dificuldade quando diz:

Primeiro eu tive que aprender a tecnologia, porque a minha maior dificuldade foi eu me apropriar disso, porque a gente na sala de aula presencial é uma coisa, online é totalmente diferente, você tem que adaptar suas aulas com a tecnologia. (THAIS)

No intuito de dialogar com as falas acima expostas, trazemos os autores Benedito e Filho (2020) que falam que os discentes são como nativos digitais e em certas ocasiões eles possuem essa habilidade com a tecnologia mais do que os professores, por isso a importância de os docentes buscarem se aperfeiçoar no uso dessas ferramentas, para facilitar e dinamizar o processo de ensino. Isso se mostra como uma dificuldade por parte das professoras, pois percebe-se a situação da exclusão digital que, segundo Azevedo et al (2018, p. 6) “é o cidadão

digital e tecnologicamente excluído ou infoexcluído, mas que é necessária sua inclusão digital na sociedade da informação, visto que existem políticas públicas que visam esse propósito”, ainda segundo esses autores a inclusão digital ocorre quando

o indivíduo é capaz de utilizar um aparato tecnológico através de seu raciocínio, realizando a transposição didática de um saber já dominado em determinada situação para utilizá-lo em outra situação diferenciada, garantindo a sustentabilidade e a multiplicação desse conceito. (BORGES NETO e CAPELO BORGES, 2007 apud AZEVEDO et al, 2018, p. 6).

Então vemos que essa dificuldade é evidenciada por meio dos relatos das docentes, sendo que inicialmente elas não conseguiam uma boa desenvoltura no contexto remoto devido a exclusão digital. O desenvolvimento tecnológico é inclusive mencionado em algumas políticas públicas, como no Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014 a 2024, que tem como uma de suas estratégias para a sétima meta:

incentivar o desenvolvimento, selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio e incentivar práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, com preferência para softwares livres e recursos educacionais abertos, bem como o acompanhamento dos resultados nos sistemas de ensino em que forem aplicadas. (BRASIL, 2014)

Portanto, esse desenvolvimento tecnológico dos professores e a utilização de diferentes métodos de ensino, incluindo as ferramentas digitais, se tornaram importantes, pois já vem sendo mencionado e estimulado pelo PNE e essa demanda se tornou ainda mais explícita no tempo de pandemia.

Outro ponto interessante que as professoras Monica e Thais trouxeram, ainda sobre os desafios, foi a **dificuldade de perceber a real aprendizagem** dos alunos, como a Prof.^a Monica disse:

[...] outra coisa que eu achei assim que foi uma parte muito difícil, foi fazer uma avaliação com diagnóstico melhor da aprendizagem, porque muitos tinham o auxílio ou de um familiar, ou de um professor particular. Então, era difícil fazer aquele diagnóstico preciso que é a função da avaliação de aprendizagem, quando eu faço uma avaliação de conteúdo é óbvio que eu posso avaliar outras coisas, outras habilidades, mas quando eu estou falando de conteúdo, como a gente fazia antes que são às avaliações impressas, são esses instrumentais que nós utilizamos. Não ficava um diagnóstico muito preciso, porque muitas vezes ou era feito através de pesquisas, ou tinha um auxílio de um adulto, e aí acaba não sendo muito seguro [...] (MONICA)

Conforme exposto acima, ela não conseguia ter a veracidade se realmente foi o aluno que fez, se teve auxílio de alguém ou de pesquisas. A professora apresentou ainda um exemplo disso, quando no momento da entrevista ela já estava trabalhando presencialmente, então conseguiu perceber a diferença nos resultados de uma aluna:

[...] por exemplo, tinha uma aluna que tem 10 10 10 10 e essa agora na presencial tirou um 4, então alguma coisa aconteceu, a menina deixou de aprender? o que foi que aconteceu? então pra mim é sintomático desse ano que passou, fazendo só provas remotas, com auxílio de vários recursos que não aquilo que realmente aprendeu nas aulas [...] (MONICA)

Com base no relato, é possível inferir que a prof.^a Thais teve esse empecilho para avaliar realmente como estava o aluno, vemos isso claramente quando ela coloca na seguinte fala: “a minha dificuldade mais é eu avaliar o meu aluno, o nível de aprendizagem dele, se aquilo foi ele mesmo que fez, se ele tá naquele nível de leitura, das hipóteses no caso, e isso eu sinto dificuldade de fazer online.” (THAIS). Então, segundo as professoras realmente a tecnologia trouxe essa incerteza com relação as devolutivas dos estudantes, o professor não teve controle disso, dificultando uma análise correta da aprendizagem deles.

O quinto desafio, **sobre a relação da família e a escola**, as professoras Camila e Thais enfrentaram complicações na participação dos alunos, correntemente devido à falta de envolvimento da família com seus estudos. Como elas confirmam:

[...] tem uns que infelizmente a gente não consegue retorno nenhum, há uma verdadeira apatia por parte dos pais, às vezes você manda mensagem “ah fulano não tem entregue as atividades o que é que está acontecendo, de que maneira eu posso ajudar? é dificuldade de fazer a tarefa? a criança tá conseguindo pegar as atividades? e tem vezes que eles nem sequer respondem, tem os pais que não respondem, então demonstra ou um desinteresse ou uma apatia, não sei, em relação às atividades dos filhos [...] (CAMILA)

[...] A gente tenta trazer eles para participarem, mas tem os pais que não acompanham, acha ruim quando você liga, aí você não liga mais e pede só pra ir buscar às atividades, às vezes não vai, nesse ponto aí existe essa dificuldade, essa interação, no caso do Maranguape, no militar já não tenho essa dificuldade, mas lá eu tenho. (THAIS)

Considerando as falas das professoras, podemos remeter suas ideias à LDB, onde consta que a educação é dever da família e do estado, visando o pleno desenvolvimento do aprendiz, o educando precisa ser estimulado pelos pais, segundo a professora Monica “se o pai e a mãe não está envolvido eles

também não se sentem obrigados a estar envolvidos”, afirmam ainda que “Apesar de a família ser apontada como uma das variáveis responsáveis pelo fracasso escolar do aluno, a sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem humana é inegável.” (POLONIA E DESSEN, 2005, p. 304 apud CARVALHO, 2000). Por isso, é de extrema importância a presença da família no âmbito escolar e o seu apoio aos seus filhos, para que tenham pleno desenvolvimento humano e cognitivo.

Logo abaixo vemos que a professora Monica consegue perceber um outro desafio que se apresenta advindo do uso da internet que são as diferentes ofertas no mundo digital que gera **distrações e dificulta a atenção do aluno**, ela relata que:

É muito desafiador porque quando nós mudamos da rotina presencial aonde a sala de aula acaba gerando um foco na educação, quando o aluno está em casa, está mais confortável em casa, um ambiente mais familiar, ele fica muito à vontade para não prestar tanta atenção aquilo que é proposto na escola, e existe muitos pontos de distração em casa, é uma televisão que liga, a família que vai continuar com a mesma rotina e esse movimento dentro de casa, e se falar com o acesso a internet é muito mais fácil, porque a parte remota vai estar justamente favorecendo tanto a aula, mas como também às redes sociais, a jogos de internet, então é desafiador prender a atenção desse aluno [...] (MONICA)

O que se mostra é a dificuldade de ser professor com o uso das mídias, em que é preciso criar estratégias e interações, para ganhar a atenção daquele aprendiz. Sabe-se que esse tema faz parte da rotina do professor, não só no modo remoto, mas em sala de aula. O professor ao fazer seu planejamento precisa pensar em metodologias que envolvam o aluno e o torne um ser ativo de sua aprendizagem, diminuindo, dessa forma, as diversas distrações que hoje se atualizam com o novo ambiente que a educação está sendo ofertada, o virtual. Como afirmam os autores:

Um ambiente estimulante e agradável pode ser criado envolvendo os estudantes em atividades em que eles assumam um papel ativo e não sejam meros expectadores. Lições centradas nos alunos, o uso da interatividade, bem como a apresentação e a supervisão de metas a serem atingidas são também recursos compatíveis com o que conhecemos do funcionamento dos processos atencionais. (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 48)

Já a professora Thais pontuou um outro desafio que dentro de sua realidade está se apresentando, que é a questão da **educação Inclusiva** de

seus alunos, ela relata que possuiu dois alunos autistas e sobre essa experiência ela diz:

[...] Os desafios, cada dia aparece um, por exemplo, no meu caso, ano passado eu tinha um autista, e esse ano eu também tenho outra autista, já pra ele já é diferente, o conteúdo adaptado pra ele, ele já sabe ler, já tá começando a ler, passo o conteúdo de história sobre o egipto, essa atividade pra ele tem que ser o mesmo conteúdo mas adaptado para ele, o meu trabalho além de ser dobrado, porque eu tenho que adaptar às aulas de acordo com a tecnologia, ainda é dobrado mais porque eu tenho um aluno de inclusão e eu tenho que incluir esse aluno [...] (THAIS)

O fato relatado pela prof^a. Thais nos remete a pensar a partir da LDB (1996), pois traz no capítulo sobre Educação Especial que é assegurado pelas instituições de ensino para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades”. É justamente isso que a professora Thais deseja assegurar aos seus alunos com necessidades especiais, um ensino que os inclua, adaptando para eles o mesmo conteúdo que é ofertado para os outros alunos. Sasaki (2002) diz que há barreiras na sociedade, como escolas e empresas que dificultam o desenvolvimento das pessoas com deficiências e sua inserção na sociedade, por meio de ambientes restritivos, atitudes discriminatórias e falta de informação sobre suas necessidades especiais, ainda segundo ele “todos os jovens e as crianças, com ou sem deficiência, têm o direito de estudar juntos para crescerem como cidadãos felizes e capazes de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade” (SASSAKI, 2002, p.16)

Por fim, o último desafio encontrado foi sobre a **formação dos docentes**, a prof.^a Camila expôs sobre a formação ofertada para esse tempo e como se relacionou com as demandas do ensino remoto, segundo ela:

[...] um curso formativo pra gente usar as ferramentas pedagógicas, se eu for analisar eu diria que não, ensinar o professor a usar não, nem mesmo as formações da prefeitura, que a gente tem formação, não pararam as formações em contexto e as formações contínuas, a gente tem formação, mas elas não primaram inicialmente, hoje elas mostram as vezes um recurso ou outro, mas não ensina o professor efetivamente a usar, eu acho que parte muito do professor se apropriar mesmo, estudar, pesquisar como usar as ferramentas, do que uma preocupação efetiva da prefeitura por exemplo, em formar esse professor, a escola.(CAMILA)

Tendo como fundamento a legislação em vigor no Brasil, mais especificamente a LDB (1996), no artigo 62, inciso primeiro, esta define, também, a formação aos professores, sendo dever da União, Distrito Federal, os Estados e os Municípios, promover a formação inicial, continuada e capacitação para os docentes. Mas, como coloca Camila, é insuficiente e cabe ao professor buscar formação constante e investigar sobre as demandas que aparecem na sua prática profissional.

Observa-se também nos relatos que há um carecimento no ensino remoto do lado pedagógico, pois não basta saber “usar” as ferramentas, mas compreender que a partir desse uso é possível melhorar a qualidade da atividade profissional. Não se trata aqui de um ensino tecnicista, mas sim de uma apropriação da tecnologia para a atividade pedagógica, sendo que as ferramentas então são mediadas pelo professor, onde ele é o sujeito mediador e não o contrário.

No próximo capítulo segue uma continuidade dessa discussão, mas situada no contexto das contribuições para a prática de ensino no período de pandemia.

3. AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO REMOTO NA ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Tendo em vista os desafios mencionados no capítulo anterior, deixaremos esse espaço a seguir para os dados de contribuições vivenciadas pelas docentes e que foram contabilizados nas entrevistas realizadas. Dentre elas, a mais recorrente e comum a todas as entrevistadas foi o crescimento de **novas aprendizagens e a aproximação da realidade dos educandos**, como demonstra a professora Camila:

[...] forçou de uma certa maneira o professor a se apropriar dessas ferramentas tecnológicas pra uso pedagógico, havia por exemplo uma resistência muito grande, sei lá, de uso de celular em sala de aula, ou enfim, esse tipo de coisa, e aí a pandemia acabou trazendo que a gente teve também que se reinventar, reinventar enquanto profissional, e também reinventar sua forma de ensinar e eles também de aprender, então assim, é difícil, é desafiador, mas também tem esse lado de crescimento. [...] (CAMILA)

[...] aliar essas ferramentas tecnológicas para a sala de aula mesmo, até eu vi um meme essa semana era assim, era um bem forte, um cachorrão, tipo assim um professor antes da pandemia “alguém me ajuda aqui a ligar o datashow” tipo assim nem saber ligar um datashow sabia, hoje em dia, 2021, “pessoal aqui ó já abri a sala de aula, já tem atividade lá no google classroom, tem num sei quantos TDs, aqui o formulário” é isso, a realidade impõe novas aprendizagens. (CAMILA)

Em seu relato, a educadora Camila expõe a resistência que alguns educadores tinham em utilizar ferramentas tecnológicas em sua prática pedagógica, e essa abertura para a reinvenção foi necessária para bem viver esse tempo. A docente Monica também conseguiu atribuir a sua prática essas novas aprendizagens e ainda coloca a questão do universo dos estudantes, conforme ela fala:

As contribuições foi porque a escola acabou se aproximando do universo que eles tem muito interesse, que é essa questão digital, essa questão tecnológica na verdade, então, para o professor também foi muito aprendizado, porque a gente acabou aprendendo vários recursos que não eram conhecidos antes, talvez até utilizados em outras áreas, não na área da educação, então foi muito interessante para mim como professora conhecer aqueles recursos digitais e levá-los pra sala, e eles já tem um domínio assim da tecnologia muito além do nosso, do nosso em sala de aula, pra eles às vezes até os contratemplos que aconteciam em sala, travava alguma coisa, eles me ajudavam, eles ajudavam a resolver esses problemas muito mais facilmente, porque eles tem o domínio, então nessa época apesar de ter sido bem desafiante foi uma forma de aproximar o universo da

escola com o universo dos alunos, eles estão muito mais inseridos, muito mais familiarizados do que eu, que já tenho muito tempo, a minha faixa etária não está nessa mesma geração, então foi uma forma de aproximar.[...] (MONICA)

Por último, a professora Thais expõe alguns desses aspectos em sua experiência, quando diz que:

[...] eu tive que estudar pra poder eu dar o melhor de mim para os meus alunos, não só os alunos, os alunos às vezes quando eu me enrolava na plataforma “tia vai aqui tia nos três pontinhos” compartilhar uma tela, nos seis primeiros meses eu doida pra compartilhar mas eu não sabia, uma vez eu tentei ai saiu do ar, eu fiquei desesperada, liguei pro coordenador da escola, bateu um desespero sabe, porque é um novo e a gente tem medo, e às crianças não, elas ficam fuçando, eu acho bom porque elas ensinam e eu aprendi muito com elas, além de eu pegar tutorial, estudar pra saber, elas me ensinaram, a aula era uma aprendizagem para as crianças em conteúdo e uma aprendizagem pra mim na parte da tecnologia, que eu não tinha, devido a idade da gente, quando a gente era criança e não tinha acesso. Mas agora não, eu digo que já to mais ou menos, eu já avancei, já sei compartilhar, já sei postar, já sei fazer o google forms...o básico eu já aprendi, e a cada dia eu vou procurando uma coisa nova, vou introduzindo devagar ai vai dando certo. (THAIS)

E da contribuição, foi bom, porque tanto o aluno como o professor teve uma aprendizagem diferente, por exemplo, os meus alunos eles gostam muito quando a gente compartilha jogos, e eles interagem mais, porque eles estão ligados a tecnologia, quando você passa o jogo, mas conciliado com o aprender parece que o interesse deles fica mais aguçado, eles têm mais estímulo de participar, nessa parte foi bom esse suporte dos jogos com às crianças para a aprendizagem, eu achei interessante. Até a ferramenta do whatsapp eu não tinha conhecimento de usar a caneta, de você pegar aquela mensagem e criar um texto, e nem eles sabiam e nem eu sabia que tinha, eu aprendi e passei [...] (THAIS)

A realidade é que as tecnologias estão presentes na vida das crianças e dos jovens, de acordo com as professoras essa foi uma maneira de se aproximar da realidade deles, muitas ferramentas inclusive, eles já sabiam utilizar e frequentemente eles mesmos as ensinavam. Segundo elas, isso ocorre devido as diferenças entre as gerações.

Sobre os jovens, a geração Z que, conforme Neto e Franco (2010), compreende as pessoas que nasceram a partir de 1993, se caracteriza justamente por ser uma geração mais pertencente ao mundo virtual, utilizando, por exemplo, videogames, redes sociais e internet. A seguir, esse autor fala ainda que há uma dificuldade na relação desses jovens com as outras gerações:

No entanto, esses jovens são também vítimas de seu tempo, pois vivem o momento da ruptura, visto que aqueles que são seus

professores ainda estão presos a outros paradigmas no que se refere aos processos de ensinar e aprender. Muitos desses professores estão despreparados para lidar com as questões acima apontadas, acomodados a velhos modelos e resistentes a uma compreensão mais ampla das formas de leitura e apreensão do mundo pelas novas gerações. Este é um problema complexo para esses jovens, pois seu mundo entra em choque com o de seus pais e educadores: o choque de formas diferentes de apreensão/percepção e, conseqüentemente, também de construção do conhecimento. (NETO; FRANCO, 2010, p. 14)

Tendo em vista esta realidade, se reconhece o valor dos docentes terem o domínio desses meios aos quais os jovens estão inseridos, com o fito de ampliar o processo de aprendizagem. Essa situação é recorrente, como confirmam os autores:

Por outro lado, a grande maioria dos alunos é jovem e domina com facilidade o uso de tecnologias digitais enquanto, para muitos docentes, tem sido um exercício árduo, que causa muita ansiedade nessa fase de adaptação. Mas, de certo, o mundo tecnológico, tão rico em estratégias e ferramentas, é bastante apropriado para realização do ensino remoto e do processo de avaliação dos alunos. (VALENTE et al, 2020, p. 7)

Por isso, a importância dos docentes de se apropriarem dessas ferramentas e utilizá-las com fins pedagógicos, Gatti (2020) diz sobre o uso das mídias, que é proveitosa a articulação do trabalho pedagógico com elas e que podem contribuir para a educação, através das intervenções dos professores, fornecendo, assim, uma variedade de espaços e uma didática dinamizada, para que os alunos se tornem protagonistas ativos em sua aprendizagem.

Além disso, podemos perceber, durante os relatos das profissionais, que o professor precisou sair do papel de detentor do conhecimento para estar aberto à aquilo que seus alunos tem a oferecer em relação ao conhecimento das ferramentas. Ainda sobre a função do professor, Moreira, Henriques e Barros (2020) relatam a necessidade do docente em assumir novos papéis, como guiar o processo de aprendizagem do aluno, para que ele desenvolva sua autonomia, de aprender a aprender, motivador, criador de recursos digitais e entre outros, de acordo com os autores, é importante não só aprender a utilizar os recursos tecnológicos, mas utilizá-los com qualidade.

Outro ponto que podemos perceber como contribuição na fala das educadoras, é **o maior envolvimento da família na aprendizagem dos alunos**, embora tenha sido comentado no capítulo anterior como um desafio, apresentou

também em certos casos uma melhora dessa participação, como relata a prof^a Camila:

Eu acho que mais do que nunca a família ela ganhou um papel muito importante nesse protagonismo de aprendizagem, muitas vezes ela era até omissa, coloca tudo nas costas do professor, e assim eu acho que essa questão de participação ela tá muito relacionada, além da nossa cobrança enquanto professor, de auto responsabilização familiar, então assim, depende muito dos pais também estarem ali nesse meio termo, mediando e incentivando o filho a fazer [...] (CAMILA)

Eu acho que aquelas famílias que se responsabilizariam antes da pandemia, que a gente sabe que tem essa questão, elas continuam apoiando seus filhos, outras foram chamadas a essa missão que é como eu falei, eles não tinham essa dimensão da importância deles para o processo de ensino-aprendizagem [...] (CAMILA)

[...] e tem outros que não, que se preocupam, que ajudam, que tentam ensinar, teve até uma que disse “professora eu tô aprendendo coisa que eu não sabia, tô tentando aprender pra poder ajudar minha filha” então há esse retorno também, essa questão “olha eu também tenho responsabilidade, eu vou me esforçar para tentar dar o melhor, nesse contexto adverso, e eu também sou mãe, vou tentar aqui ajudar o professor também, a professora” [...] (CAMILA)

Ademais, a professora Monica comenta também a importância que foi a cooperação da família para a plena participação dos educandos, de acordo com ela:

[...] o que foi que esse tempo de ensino remoto ocasionou nas escolas, porque tiveram pontos positivos? tiveram, a parceria da escola e família precisou ficar mais intensa, nós nos aproximamos do mundo virtual, que é um mundo de interesse deles [...] (MONICA)

Fundamental, a participação da família hoje tem sido fundamental, então o que é que a gente tem trabalhado desde o ano passado mesmo com os alunos, a gente tem trabalhado com as famílias, primeiro para nos ajudar nessa questão da consciência, essa questão ética até, na hora das avaliações, a gente tem feito esse trabalho com as famílias para que nos ajudem aí nisso, e também às famílias tem ajudado tanto na organização de rotina de estudo, tem nos ajudado nas devolutivas [...] (MONICA)

A família é importante para o processo de aprendizagem do aluno, mas é preciso reconhecer o que cabe a ela e o que cabe a escola, segundo Oliveira et. al (2010) cada sistema tem sua responsabilidade própria no campo do ensino, a escola tem a tarefa de educar sobre conhecimentos desenvolvidos com o passar do tempo, promover relações com diversos indivíduos dentro desse ambiente e educar para a vida em sociedade, já a família se detém na tarefa de conduzir seus filhos a uma promoção de valores e ações coerentes para com a sociedade

que vivem, ou seja, ambas têm em comum de função de formar os indivíduos para as suas relações futuras. Portanto, a relação família e escola é de apoio e cooperação, para que o educando participe e se desenvolva nos seus estudos.

Por último, houve também o apoio das instituições nas **formações voltadas para a utilização de tecnologia** no caso da educadora Monica e Thais, em que elas se sentiram contempladas e amparadas nessa questão. Segundo as mesmas:

O colégio que eu trabalhava ano passado eu vou te contar que foi um suporte maravilhoso, a escola fez todo um movimento de formação, nós tínhamos formação a cada 15 dias, com recursos diferentes, ensinando estratégias diferentes de aprendizado com os recursos digitais, muitas ferramentas digitais foram colocadas à nossa disposição, a escola fez uma parceria com a biblioteca virtual onde tem a disposição mais de mil títulos de livros virtuais, então mesmo que os alunos por conta das circunstâncias não poderiam ir para a biblioteca, a biblioteca foi até eles porque a escola disponibilizou, a escola disponibilizou todos os recursos, eu posso dizer assim, eu sei que isso não é a realidade de todas as escolas, mas essa escola trabalhou muito bem essas questões [...] (MONICA)

Esse ano foi mais tranquilo, porque no ano passado teve alguns tutoriais que foram feitos, no caso do militar pelo TI da escola, ensinando como que a gente acessava, o passo a passo, tanto eles como a gente tava aprendendo, tanto a coordenação como os professores, e os alunos [...] a escola ela deu suporte, e o aprendizado era compartilhado, uma aprendia e passava pra outra [...] mas a escola deu muito apoio, fez muitos tutoriais para que a gente aprendesse. E a gente foi buscando, a internet ensina muita coisa e a gente vai atrás, eu pelo menos fui atrás e aprendi muito. (THAIS)

Esse último aspecto demonstra que antes não havia, por parte das escolas, formações que promovessem o uso das tecnologias digitais durante as aulas, e com o advento da pandemia, aconteceu o início e aumento dessas formações, tendo como consequência a educação digital dos docentes.

Embora a LDB destaque a necessidade de oferta de formação aos professores, vemos aqui a busca constante, da livre iniciativa do docente, tentando atender demandas por meio de tutoriais, cursos, pesquisas na internet, além das trocas de conhecimentos entre os colegas de profissão, acerca das ferramentas.

Se evidenciou, também, uma atuação da gestão escolar, contribuindo na oferta de apoio aos educadores, promovendo suportes, mais especificamente pelo setor de Tecnologias da Informação (TI). Vemos um indício de parceria, com

a biblioteca virtual que contribuiu para o acesso dos alunos a conteúdos e livros em seus domicílios. Ocorreu ainda, a produção de materiais didáticos sendo em forma de tutoriais, a fim de que se facilite as ações no meio digital e para executar certos comandos ou realizar determinadas tarefas em softwares, sem a necessidade de consulta a alguém, dando autonomia aos educandos e docentes.

No próximo capítulo daremos prosseguimento a esse assunto, pois abordaremos e adentraremos mais nessa questão da utilização das tecnologias digitais na educação.

4. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Com base em Chaves (1998), uma das características da sociedade é a presença da tecnologia em diversos setores, sendo que vários aspectos da nossa vida abrangem o uso direto ou indireto do computador, como a construção de textos, lazeres e placares de jogos. O autor abre uma discussão sobre o contínuo distanciamento da instituição escolar na utilização dos recursos tecnológicos. Se a escola tem o dever de formar os indivíduos para a sociedade e esta é constantemente mediada pelas tecnologias, porque a escola se faz “uma ilha não-tecnológica em um mar de tecnologia?”

No capítulo anterior foi falado sobre a geração Z, que é uma geração que já nasceu inserida em uma cultura digital e é marcada por uma forma intuitiva de aprender as tecnologias e elas, por sua vez, marcam a forma que as pessoas se relacionam com os conhecimentos. Segundo os autores Bacich, Neto e Trevisani, “as tecnologias digitais oferecem diferentes possibilidades de aprendizagem e, se bem utilizadas pela escola, constituem-se como oportunidade para que os alunos possam aprender mais e melhor” (BACICH, NETO e TREVISANI, 2015, p. 49).

Tendo em vista o contexto da pandemia, com o esforço do professor de se adaptar a essa nova realidade, as escolas precisaram se inserir nos campos e nos conhecimentos tecnológicos. Segundo as entrevistadas, como consequência desse tempo, **elas aprenderam a utilizar algumas ferramentas** e citaram as mais utilizadas em suas práticas. Essa aprendizagem ocorreu em conjunto com os outros colegas de profissão como será observado em suas falas, foi com o apoio dos demais que vivenciaram as descobertas juntos. A escolha das ferramentas foi de forma autônoma e compartilhada, visto que não houve, aparentemente, uma formação continuada. Segundo a professora Camila:

[...] a gente decidiu utilizar as plataformas que a escola disponibilizava, no caso o Instagram e o recurso que era mais acessível que era também o WhatsApp, cada professor ia muito de acordo com suas próprias habilidades, vontade, capacidade, porque nem todo mundo é igual, enquanto tem um que tem lá o canal no YouTube e grava vídeo, e manda áudio e entra no grupo, tem outro que manda só uma foto da

tarefa e por isso fica, isso eu não estou falando da minha escola específica, to falando de uma forma geral, são essas realidades mesmo de desafio, no começo sem saber o que fazer e depois a gente foi se ajustando aos poucos e vendo o que é que poderia ser mais efetivo nesse alcance, é tanto que, por exemplo, quando a gente começou com o Instagram a gente achava que tinha um bom alcance, mas depois por meio de pesquisas internas a gente viu que o que mais alcançava os alunos era o WhatsApp, e ai ficou sendo a ferramenta mais utilizada. [...] (CAMILA)

No seu caso, ela informa que no início utilizou de vários aplicativos como, YouTube, Instagram e WhatsApp, mas de acordo com a realidade própria dos seus alunos, a comunidade escolar percebeu que a ferramenta mais bem aceita e que fornecia o acesso a todos era o WhatsApp, após passar por alguns desafios próprios e se adaptar ao novo meio. Sobre o Instagram da instituição na qual ela trabalha, informa que:

[...] ele já existia, só que tipo assim nem eu conhecia pra poder falar a verdade, ele existia, às vezes não era utilizado como essa ferramenta pedagógica, engraçado como professor inventa, até às ferramentas que não são pedagógicas ele transforma, e ai tinha o Instagram mas a gente passou a utilizar pedagogicamente na pandemia e ai a gente foi vendo e testando o que é que tinha mais alcance, num primeiro momento é um susto, depois você vai “Ah vamo ver aqui como é que a gente vai se adequando”. [...] (CAMILA)

Nessa fala ela expõe uma característica interessante do ser professor, que é a capacidade de transformar ferramentas, que a princípio não tem função pedagógica, para uso educativo. Ademais, observa-se uma vivência conjunta ao grupo que pertence, que buscam encontrar meios para obter sucesso no ensino remoto. Já a educadora Monica, em sua fala traz aspectos próprios de sua prática:

Olha sabe qual foi o recurso que eu mais utilizei, pode parecer até tolo, pode ser até assim, mas o powerpoint, mas eu vou te dizer como, não só de forma de slide, também fazia slides, mas uma forma do powerpoint, que você espelha e tem como você escrever, eu usei muito esse recurso de escrever. Outro recurso que eu aprendi a usar muito, um recurso de, como que chamam esse aplicativo, agora eu esqueci, é um recurso de fazer intervenções com alunos de casa, e por exemplo, eu vou passar um vídeo, vou passar um ou a gente faz uma leitura, e aí eu lanço esse recurso, e eles usam o celular deles ou então o computador, e fazem uma leitura do QR code, e aí quando eles fazem a leitura do QR code vão pras minhas perguntinhas, e aí eles fazem e vão interagindo com o vídeo ou com o texto a partir desse aplicativo. Outro recurso que eu usei muito foi o Quizzes, que é uma forma de fazer atividades de casa, de classe, interativa, eu ia acompanhando os meninos a realizarem as atividades junto comigo e eu ia vendo quem ia conseguindo acertar quem não conseguia, que era muito mais simples do que só no livro, porque como é que eu ia conseguir fazer essa correção na mesma hora? então dava pra identificar quem tava fazendo quem não tava, foi uma experiência boa, eu acabei crescendo

nesse aspecto. E às aulas aconteciam pelo Meet, e também o google sala de aula, era uma forma de recebimento de atividades, como também de avaliação, porque a gente faz avaliação por formulário, e acabou o google sendo uma ferramenta muito útil na sala de aula, com todas as suas tecnologias, apresentações, fazer atividades em equipe, então você lançava um documento e aquele trabalho era compartilhado, ou então apresentação no google e dividia às equipes e todo mundo colaborava, fazia um trabalho colaborativo a partir dessas ferramentas do google, o google foi muito útil nesse tempo de pandemia. [...] (MONICA)

[...] a gente tem uma agenda digital, tudo o que é feito em sala de aula e aquilo que é feito para eles fazerem fora desse momento de aula mesmo através do Meet, a gente diz de casa, mas eles estão em casa sempre, eles estavam em casa sempre, esse momento de classe era o que estava com o professor ao vivo, e o de casa a gente dizia que era o momento que a gente não estava ao vivo, era descrito tudo direitinho na agenda para que as famílias pudessem acompanhar e nos ajudar, esse retorno. (MONICA)

Percebe-se que ela conseguiu ser uma professora que está constantemente em busca de aprendizado, aberta as novas situações e aos desafios que emergiram, juntos aos estudantes um aprendendo com o outro, como resultado disso aprendeu a utilizar uma diversidade de ferramentas, propondo atividades que gerassem interações entre os alunos, e com isso uma aprendizagem mais dinâmica, como o uso do “Quizzes”.

Além disso, observar-se que conseguiu realizar a chamada avaliação formativa, que é quando o professor acompanha a aprendizagem do estudante, ao mesmo tempo, ela diz que aprendeu no processo, quando diz que “dava pra identificar quem tava fazendo quem não tava, foi uma experiência boa, eu acabei crescendo nesse aspecto” (MONICA). A professora comenta ainda, que utilizou frequentemente os programas fornecidos pelo google para realizar os encontros síncronos, para aplicar as avaliações e para propor atividades em grupos. Por fim, a docente Thais expôs em seu relato sobre o uso das tecnologias que:

[...] no [colégio] militar a gente tem uma plataforma, onde essa plataforma é alimentada, às atividades é no Google forms, às provas, então tudo isso eu tive que me apropriar, porque a tecnologia que eu sei é aquela do celular, você digitar no word, e esses instrumentos que é os suportes que auxilia a gente na aula, por exemplo, powerpoint eu não sabia fazer, gravar uma aula eu não sabia, tudo isso eu tive que me apropriar [...] (THAIS)

No caso são os vídeos, aqueles aplicativos que a gente grava, eu utilizei sites como escola game que tem jogos, eu uso um que é o Live Worksheets que eu posso pegar uma atividade que esteja em PDF e eu posso transformar ela pro aluno responder, é de graça, você pode gravar um vídeo e colocar dentro da atividade, você pode usar sua voz lendo enunciado, eu uso também o Wordwall, que é outro aplicativo de jogos e você também pode criar jogos direcionados de produção de

texto, de gramática, tem quiz, jogos de cartas, roleta, uso o google forms quando é prova, eu boto pra responder, pra criar texto, múltipla escolha, a gente vai procurando, os amigos vão indicando e a gente vai fazendo pra que haja interação, no caso do WhatsApp tem que ser assim, pra não ser só copiar copiar e copiar, a gente usa também o livro que tem o PNLD deles, mas a gente diversifica, pra não ficar cansativo nem pra ele e nem pra mim. No caso do militar, tem a plataforma e dentro da plataforma eu uso o Meet, no Maranguape eu não utilizo muito, porque a participação é muito pouca, muitos a mãe tá trabalhando e aí não tem, às vezes o celular não é com Gmail, que é celular antigo eles não conseguem entrar, então eu procuro fazer é chamada de vídeo pelo WhatsApp, mas pra de juntar a sala todinha no Meet, eu já acho complicado, devido ao acesso a internet, não tem computador, o celular às vezes é um celular para 3 irmãos, então tudo isso você tem que ir conciliando. No militar toda semana a gente tem a aula Meet, são duas aulas germinadas, a primeira eu posto a agenda, eu posto uma explicação, um videozinho explicativo, e aí eles vão fazendo a atividade, no segundo momento da aula, que é a 2ª aula, aí já é o Meet, eu dou aquela explicação rápida para aqueles alunos que não entenderam, a gente faz a correção, e dentro da correção a gente vai na mesma hora interagindo como se fosse presencial, é essa dificuldade que eu tenho lá no Maranguape essa interação ao mesmo tempo, já no militar eu não tenho, porque a gente tem esses momentos, e lá não, é tudo pelo WhatsApp e nem sempre é por chamada de vídeo, nem sempre dá certo, é muito pouco a participação, é mais por mensagem, por áudio, porque o sistema é diferente. A maioria das prefeituras é assim, aqui em Fortaleza também, eu conversei com umas amigas. (THAIS)

As provas no Maranguape, é composta por participação no WhatsApp, devolutiva de atividade, e eu faço as atividades avaliativas no google forms, às crianças que tem Gmail elas conseguem me dar a devolutiva pelo WhatsApp, as que não tem, eu pego essas provas e faço em word, mando pra coordenadora e na quarta feira eles vão pegar, pegam na quarta e devolvem na quarta, agenda, atividades em folha, tudo que eu passo no WhatsApp tem que ser passado pra eles também, a escola tem impressora e se responsabiliza para entregar e pegar as devolutivas, a coordenadora recebe, tira foto pra mim e eu faço a correção. (THAIS)

No caso da prof.^a Thais, ela relata as duas experiências que vivenciou, uma na escola do Maranguape, em que só conseguiu fazer uso do WhatsApp, por motivos de acesso à internet e disponibilidade de dispositivos para o acesso dos educandos. Já na escola militar, ela teve a possibilidade de utilizar mais ferramentas, como as fornecidas pelo Google, que foi o Meet e o Forms, site de jogos e PowerPoint.

Mas, para isso ela informa que precisou se apropriar dos instrumentos, ou seja, se adaptar a esse modo de educar, segundo ela, as tecnologias se tornam um suporte que auxilia o professor no seu fazer pedagógico, e a professora se mostra, também, protagonista, em que pode transformar os recursos conforme acha necessário, procura as ferramentas por conta própria e busca indicações

com os colegas, em vista de uma aprendizagem interativa e atraente, como ela diz: “ a gente diversifica, pra não ficar cansativo nem pra ele e nem pra mim” (THAIS).

Diante dessa nova realidade, é importante utilizar as tecnologias reconhecendo o papel do professor sobre elas, de modo que não determinem a prática pedagógica, mas se tornem um auxílio para o docente. Para Moreira:

É necessário conhecer os softwares, perceber o que se pretende com a sua utilização do ponto de vista pedagógico e perceber se o recurso é o mais adequado para o efeito, porque na realidade o simples uso de interfaces digitais não garante, só por si, avanços ou inovações nas práticas educativas (2020, p. 355 apud MOREIRA; MONTEIRO, 2015)

Por meio da educação digital, é possível promover essas práticas educativas de maneira didática e com bons resultados na aprendizagem dos educandos. Além disso, é necessário ser trabalhado com eles o uso crítico das tecnologias, como vimos, é uma geração que está inserida no espaço digital, por isso é preciso ensiná-los a refletir sobre o contexto que habitam, segundo os autores:

as tecnologias de informação e comunicação (TICs) são uma realidade e, na escola, professores e alunos precisam trabalhar com elas. É preciso conhecê-las, sabendo usar suas várias possibilidades, mas também aprendendo a refletir sobre que tipo de mundo, de sociedade e de relações queremos construir com o auxílio desses poderosos recursos. Não é possível aqui separar os aspectos técnicos e os éticos. Urgente, também, no uso crítico das tecnologias, é a aprendizagem do discernimento quanto a como selecionar as informações pertinentes. (NETO; FRANCO, 2010, p. 20)

Vale ainda destacar a diferença entre ferramenta e ambiente, que de acordo com Leão (2015), os ambientes virtuais de aprendizagem promovem a realização de um curso por meio de algumas ferramentas, priorizando não só as informações, mas também as interações entre os educandos e os educadores. Já as ferramentas são esses instrumentos que auxiliam no processo de aprendizagem, e os professores as utilizam conforme seus objetivos, trazendo através delas a potencialização das propostas pedagógicas e a inter-relação entre os participantes. Vimos que duas professoras utilizaram prioritariamente o WhatsApp para o ensino remoto por ele se constituir em uma ferramenta e por não estar dentro de um ambiente de aprendizagem, sendo que não está preparado pedagogicamente para ser um ambiente de educação formal.

Durante as entrevistas, as professoras Monica e Thais trouxeram ainda a realidade do **ensino híbrido**, que se constitui, segundo Bacich, Neto e Trevisani (2015), em uma mesclagem do ensino presencial e o modelo on-line. A educadora Monica teve essa experiência, segundo ela, com o retorno das aulas presenciais, autorizadas pelo Decreto Nº 33.783 do governo do Ceará, a partir no dia 25 de outubro 2020, com 35% da capacidade nesse nível de ensino. Dentre as medidas de biossegurança lançadas pelo governo do Ceará, está a de revezamento, em que as instituições de ensino deveriam estruturar um plano de rodízio de alunos, parte da turma ficaria em casa no modo remoto e a outra parte em sala presencial. A professora relata sua experiência:

[...] quando eu estava com aulas híbridas, com aulas classe e casa, se eu escrevesse no quadro muitas vezes tinha interferência, às vezes a iluminação pegava no quadro não deixava com que os que estavam em casa vissem bem, eu precisei usar mais um recurso de escrever, como se fosse uma lousa digital, porque eu não tinha esse recurso de lousa digital porque é um recurso maravilhoso, mas eu usava no computador o powerpoint que dava pra eu escrever, então os que estavam em casa viam bem, e os que estavam em classe viam bem também porque eu espelhava no quadro, projetava o powerpoint no quadro, e aí ficava muito mais fácil de eles visualizarem, esse foi um dos recursos que eu usei muito. (MONICA)

[...] mas logo quando foi liberado o ensino híbrido, então eu dava aula para os alunos que estavam na classe e para os que estavam em casa ao mesmo tempo, para administrar uma turma nesse formato é muito desafiador mesmo, é preciso encontrar estratégias que atinjam tanto os que estão em classe quanto os que estão em casa, só pra você ter uma ideia, aconteceu de que eu estivesse planejado uma dinâmica utilizando os recursos digitais, um jogo, um jogo digital que estava a partir do meu planejamento, no entanto, não funcionou bem porquê? porque os que estavam na escola não tinham os mesmos recursos dos que estavam em casa, então eu tive que pensar na mesma hora um plano B para que a aula fosse executada, porque os recursos eram diferentes [...] (MONICA)

De acordo com ela, precisou-se de uma ferramenta para abranger tanto os alunos que estavam em sala, como para os que estavam acompanhando em casa, e essa ferramenta foi o PowerPoint, utilizado como lousa. Percebe-se também, a dificuldade por parte da professora de encontrar recursos que incluíssem os dois tipos de alunos. Ela tenta integrar as tecnologias digitais na sua proposta pedagógica, mas os que estão na escola não tem os mesmos meios disponíveis dos que estão em casa.

Ainda de acordo com os autores, no ensino híbrido:

o papel desempenhado pelo professor e pelos alunos sofre alterações em relação à proposta de ensino considerado tradicional, e as configurações das aulas favorecem momentos de interação, colaboração e envolvimento com as tecnologias digitais” (BACICH; NETO; TREVISANI, 2015, p. 52)

Ou seja, se faz necessário a disponibilidade desses recursos tecnológicos para os alunos, de modo que eles possam ser incluídos e que permita ao professor desenvolver propostas de atividades que promovam, conforme os autores, a “interação, colaboração e envolvimento com as tecnologias digitais.” Por último, a educadora Thais expõe sua preocupação quando diz que:

Tão dizendo que vai voltar, e no sistema híbrido, uma parte vai pra escola, e a que fica em casa? a escola não tem internet, como que eu vou dar aula pro meu aluno de sala e pro aluno que tá em casa? como que vai ser isso? Porque o híbrido é isso, a aula de sala tem que ser a mesma pro aluno que tá em casa, a gente fica pensando como vai ser esse retorno? Como eu vou dar suporte ao meu aluno, se a escola não tem internet, uma aparelhagem de tecnologia? (THAIS)

A professora se questiona sobre como se dará essa volta, na realidade dela as escolas ainda não retornaram ao ensino presencial, e os recursos são poucos na instituição que ensina, segundo ela seria inviável o ensino híbrido, devido a falta de internet e de equipamentos tecnológicos.

Com base nas falas das docentes, o ensino híbrido é a mesclagem entre o presencial e o online, em que o professor atende aos alunos que estão em sala e ao mesmo tempo aos que estão em casa. Na verdade, elas já estavam com ensino híbrido quando, por exemplo, forneciam materiais para serem retirados na instituição de ensino aos estudantes que não tinham acesso ao recurso tecnológico.

Sobre esse assunto, Moran (2015) expõe que na realidade existem diversas formas de a educação ser híbrida, pois há diferentes metodologias, concepções, formas de aprender, culturas, espaços, tempos, públicos, entre outros. O foco deve estar na personalização, colocar o aluno no centro da aprendizagem, dando a ele autonomia, por meio de um currículo mais flexível e permitindo mudanças progressivas, para atender as demandas, que se caracterizam por um maior protagonismo do aluno. A tecnologia adentra, então, no ensino como um recurso, para facilitar essa independência do aprendiz.

Moran cita alguns pontos que as instituições devem observar para um processo mais voltado ao sujeito da aprendizagem, dentre elas é preciso ter:

Ênfase no projeto de vida de cada aluno com orientação de um mentor;
Ênfase em valores e competências amplas: de conhecimento e socioemocionais; Equilíbrio entre a aprendizagem pessoal e a grupal.
Respeito ao ritmo e estilo de aprendizagem de cada aluno combinado com metodologias ativas grupais (desafios, projetos, jogos significativos), sem disciplinas, com integração de tempos, espaços e tecnologias digitais. (MORAN in BACICH et al, 2015, p. 29)

De acordo com o autor, essas dimensões contribuem para dar sentido ao aprendizado, integrar os diversos âmbitos da vida, como a cognição e a emoção, e promover a construção de conhecimentos tanto em colaboração com outros colegas, quanto sozinhos, pois ambas são limitadas até certo ponto, por isso a interconexão entre elas ajuda ir além. Podemos perceber que a professora Monica se atenta a essa realidade nas suas propostas, ela expôs na sua fala sobre o uso das ferramentas, que propõe trabalhos em grupos, por meio dos recursos da plataforma que permite a realização de atividades colaborativas, proporcionando vivências não só individuais, como grupais também. Então, como forma de integrar espaços e tempos, a partir do contexto de atuação vivido e relatado pelas professoras, pudemos compreender que a utilização da tecnologia impulsiona essa articulação, pois atendem as diferentes realidades, tanto dos que estão presentes em sala, quanto aos que estão acompanhando em casa, e se torna instrumento pedagógico importante por meio do ensino híbrido.

No capítulo seguinte, será abordado sobre a metodologia utilizada para essa pesquisa, constando uma descrição de como foram realizadas as entrevistas e as características dos sujeitos da pesquisa.

5. METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, foi adotada a pesquisa qualitativa, pois nos permite analisar de maneira mais profunda e detalhada os aspectos que desejamos esclarecer, e com características da entrevista em profundidade que é, conforme Duarte (2011, p. 62) “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. Esse tipo de pesquisa é caracterizada pela busca de informações sobre o tema, que permite analisá-lo, discuti-lo, e compreendê-lo de forma dialógica, de acordo com a percepção de cada entrevistado. Portanto, é importante que o entrevistador se coloque em uma postura de escuta e compreensão, demonstrando respeito pelos entrevistados, para que dessa forma haja uma melhor abertura e confiança dos entrevistados.

Por isso, utilizaremos como técnica a entrevista em profundidade do tipo semi-aberta que “o pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado” (DUARTE, 2011, p. 66). Essa técnica dá aos entrevistados mais liberdade nas suas respostas, valoriza seus conhecimentos e experiência. Além disso, trazemos nessa pesquisa o olhar fenomenológico, que é analisar aquilo que se apresenta à consciência dos sujeitos, busca a experiência vivida, e a partir dela chegar as coisas mesmas. A pesquisa fenomenológica, segundo Gil (2018) se caracteriza pela escuta do sujeito, sem a influência regra ou do que se pensa a respeito.

Com isso, foram realizadas três entrevistas com professoras que atuam no 5º ano do Ensino Fundamental, com onze perguntas abertas. A primeira entrevista com duração em torno de quarenta minutos, a segunda foi trinta e cinco minutos e a terceira com uma hora e quinze minutos, no mês de junho de 2021. A escolha das entrevistadas ocorreu por meio de contatos com pessoas próximas que conheciam professores da área e que atuavam especificamente no quinto ano do ensino fundamental. Todas as entrevistas foram gravadas com a permissão das entrevistadas, a fim de manter o sigilo de suas identidades,

seus nomes foram trocados e os nomes das instituições de ensino que trabalham foram resguardados.

A primeira professora se formou em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) no ano de 2011, tem pós graduação em gestão escolar, coordenação pedagógica, educação especial e mestrado em andamento na área de educação profissional e tecnológica. Atua no quinto ano há três anos na rede pública de ensino. Utiliza-se o nome fictício Camila para sua denominação. Ao enviar o convite para ela, logo respondeu e aceitou, disse que também é pesquisadora, por isso se sentiu no dever de contribuir com a pesquisa. Inicialmente, marcamos em uma determinada data, mas um dia anterior perguntou se dava para ser naquele momento e, por iniciativa própria, criou o link no Meet. Em toda a entrevista Camila se mostrou aberta para responder as perguntas e dialogar sobre sua atuação, houve um único momento que ela fez uma pausa e suspirou, quando foi questionada sobre a qualidade do ensino nesse período remoto, e expressamente relatou a perda comparada ao ensino presencial. Terminada a entrevista, a professora enviou por WhatsApp indicações de outros docentes para contribuir com as entrevistas, mas todos estavam indisponíveis.

A segunda entrevistada concluiu o curso de Pedagogia em 2000 pela Universidade estadual Vale do Acaraú (UVA), mas exerce a profissão desde 1998, tem especialização em gestão escolar pela UECE. Atuou no quinto ano por oito anos em uma instituição privada. Seu nome fictício é Monica. Desde o primeiro contato a professora foi acolhedora e simpática, em seu relato percebe-se um carinho e zelo pelo seu trabalho, ela é mãe de três filhos e comentou durante a entrevista sobre o trabalho no ensino remoto, o quão importante foi ela ministrar as aulas dentro da escola, pois em casa ela não teria a mesma concentração, devido a realidade própria da família. Para ela de um modo geral, a experiência foi positiva, visto que tanto os alunos como ela tiveram progressos educativos.

A última docente entrevistada tem três formações, a primeira em Pedagogia, a segunda em Letras e a outra em Geografia. Ela tem quinze anos de profissão, durante esse tempo fez especialização em Atendimento

Educacional Especializado (AEE) e em educação ambiental. Atua há três anos no quinto ano na rede pública. O nome utilizado referente a ela é Thais. Essa entrevista foi a mais longa, visto que a professora também foi receptiva e relatou sua experiência nas duas instituições de ensino que trabalha. Durante a conversa percebe-se uma tentativa por parte da profissional de comparar as duas realidades, e ela informa que por se considerar dedicada ao seu trabalho, nesse período se esforçou bastante para vencer sua barreira com a tecnologia, isso foi motivo de alegria para ela, pois a cada dia aprende algo novo e está superando essa barreira.

Após as entrevistas houve a transcrição e em seguida, com base nos relatos, foi realizada a organização das falas por categorias, de acordo com certos sentidos revelados, e que demonstraram de um modo geral as características do que é ser professor no ensino remoto, elas foram destacadas em negrito ao longo dos capítulos dois, três e quatro. Ademais, todas as falas estão fiéis ao que as entrevistadas disseram e a partir disso foram procurados sentidos implícitos em seus relatos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar os desafios e as contribuições do ensino remoto no que se refere a atuação do professor no contexto da pandemia. A partir de entrevistas com professoras que atuaram nesse âmbito, foram sistematizados os aspectos relatados e para melhor organização foram separados nos capítulos dois, três e quatro.

Foram apresentados os desafios na prática dessas profissionais, dentre eles está o acesso a internet e falta de dispositivos; a dificuldade de observar as expressões dos alunos e a interação com eles; se reinventar profissionalmente, pois muitos professores não sabiam utilizar os recursos tecnológicos; perceber a real aprendizagem; a relação escola e família; os impactos na atenção concentrada que ocasionaram distrações; a educação inclusiva para os que tinham dificuldades de aprendizagem e a formação voltadas para os docentes que, em alguns casos, deixou a desejar.

Retratamos ainda as contribuições do ensino remoto na prática dos professores, que geraram novas aprendizagens, possibilitaram inovar suas práticas pedagógicas e se aproximar da realidade dos educandos, que se caracterizam por ser uma geração mais digital; o maior envolvimento da família na aprendizagem deles, tiveram que estar mais presentes para motivar o desenvolvimento educativo; e as formações voltadas para o uso das tecnologias, que não acontecia antes desse período e acabou crescendo nesse aspecto.

A partir das vivências relatadas pelas professoras e análise realizada conclui-se, com relação a utilização das tecnologias digitais, que ocorreu na prática o uso de diferentes recursos, o apoio mútuo e o compartilhamento de conhecimentos com os outros colegas de profissão, o que revela a existência de uma comunidade compartilhada que, embora em tempos de crise, se mantém unida, compondo uma rede social de possibilidades de práticas educativas. Já conjecturam um ensino híbrido no retorno ao presencial e junto a ele alguns desafios estruturais das instituições.

Embora tenha ocorrido uma tentativa de foco em professores do quinto ano, opção desse TCC, a questão de ser professor desse ano da Educação Básica, foi desfocada pela relevância maior da experiência vivida por elas,

independente desse contexto mais específico do quinto ano, apareceram diversas situações similares ao que outros professores estão vivendo, de diferentes séries. Foi aparecendo mais a questão do que é ser professor, de uma maneira geral.

Com base no exposto, o que é e como é ser professor no ensino remoto, diante de todos os relatos, percebemos que ser professor é estar aberto para os constantes aprendizados e desafios que são próprios da profissão. É ter o olhar atento para as especificidades de cada aluno e saber se está com dúvidas apenas pelo olhar, pela observação. É querer se reinventar, utilizar e adaptar variados meios para fins pedagógicos. É se entristecer por saber que nem todos os educandos estão conseguindo acompanhar os estudos, devido as diversas realidades que enfrentam. É estar e compartilhar juntos aos outros professores o que aprendeu de novo, a fim de contribuir com a prática do outro. É ter a capacidade de ensinar não só os alunos, como as famílias também, com paciência e zelo diante das incompreensões.

Além disso, destacamos também o crescimento da pesquisadora, na área profissional, a partir do contato com as profissionais, com as pesquisas e com a própria elaboração deste trabalho. Foi um grande aprendizado conhecer a realidade das professoras, como ocorre o ensino na prática e reconhecer o que de bom o ensino remoto deixou, que foi a aproximação dos docentes com os diferentes recursos que a tecnologia proporciona, fazendo deles instrumentos pedagógicos e, dessa forma, despertando o interesse dos estudantes. Foi uma ótima oportunidade de refletir acerca da importância de uma educação que permita a autonomia dos aprendizes, conduzindo-os para a construção da própria aprendizagem, de acordo com as propostas que utilizam a tecnologia como auxílio para essa educação cada vez mais dinâmica e interativa, como é o caso, por exemplo, do ensino híbrido.

Por fim, essa pesquisa abre novas possibilidades de estudos, pois revela que seria muito interessante uma investigação sobre os impactos do ensino remoto no retorno presencial, certos de que a educação não será mais a mesma, questionando quais os frutos dos aprendizados desse período. Uma segunda possibilidade é buscar informações sobre a formação dos docentes, com relação ao uso das tecnologias na área educacional, se as escolas aderiram ou não,

como ficou esse âmbito da utilização dos recursos digitais, que apesar de ser tão presente na sociedade, ainda há uma resistência por parte de algumas instituições escolares em aderir.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Igor Márcio do Nascimento, NETO, Hermínio Borges; TORRES, Antonia Lis de Maria Martins; BEZERRA, Angela Maria de Sousa; NEPOMUCENO, Lara Meneses Saldanha; OLIVEIRA, Silvia Sales de. As contribuições da Inclusão Digital para a Educação a Distância no contexto da FAGED/ UFC. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS, 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos**. São Carlos: CIET: EnPED, 2018. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/624>. Acesso em: 01 Out. 2021.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BENEDITO, Samiles Vasconcelos Cruz; FILHO, Pedro Julio de Castro. A educação básica cearense em época de pandemia de coronavírus (COVID-19): Perspectivas e desafios no cenário educacional brasileiro. **Nova Paideia** [online], Brasília, v. 2, n. 3, p. 58-71, 2020. Disponível em: <http://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/43/34>. Acesso em: 05 jul. 2021.

BRASIL, Decreto nº 9.057, de 25 de março de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário oficial da união**: Atos do poder executivo, Brasília, seção 1, p. 3, 26 maio. 2017. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20238603/do1-2017-05-26-decreto-n-9-057-de-25-de-maio-de-2017-20238503. Acesso em: 06 jul. 2021.

BRASIL, **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação- PNE e da outras providências. Brasília, DF: Presidência da república, 2014. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 06 jul. 2021.

BRASIL, **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da república, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 06 jul.2021.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Fundamentos e práticas na EaD**. Artemilson Alves de Lima. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso/ Rede e-Tec Brasil, 2012. Disponível em: http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_social/formacao_pedagogica/240912_form_pedag_fundamentosepraticasemead.pdf . Acesso em: 05 Jul. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Referenciais de qualidade para a educação superior a distância**. Brasília, 2007. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>. Acesso em: 21 Set. 2021.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 5/2020, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 01 de junho seção 1, p. 32. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511-pcp005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 jun. 2021.

CHAVES, Eduardo O C. **Tecnologia e educação: o futuro da escola na sociedade da informação**. São Paulo: Mindware, 1998. E- book. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Eduardo-Chaves-2/publication/327112176_Tecnologia_e_Educacao_O_Futuro_da_Escola_na_Sociedade_da_Informacao/links/5b7a94004585151fd121c324/Tecnologia-e-Educacao-O-Futuro-da-Escola-na-Sociedade-da-Informacao.pdf. Acesso em: 15 Jul. 2021.

COSENZA, Ramon M; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação: Como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em Profundidade**. In: DUARTE; BARROS. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FARIA, Adriano Antonio. **A história do instituto Federal Brasileiro e a gênese da educação a distância no Brasil**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1489/2/A%20HISTORIA%20DO%20INSTITUTO%20UNIVERSAL%20BRASILEIRO.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

Fechamento de escolas durante a pandemia fez Brasil regredir duas décadas em matéria de evasão escolar, diz Unicef. **G1**, 05 de abril 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/04/05/fechamento-de-escolas-durante-pandemia-fez-brasil-regredir-duas-decadas-em-materia-de-evasao-escolar-diz-unicef.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GATTI, Bernadete Angélica. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos avançados** [online], v. 34, n. 100, p. 29-41, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003>. Acesso em: 18 jun. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597012934/epubcfi/6/10%5B%3Bvnd.vst.idref%3Dhtml4%5D/4/16%400:32.6>. Acesso em: 30 jun. 2021.

LEÃO, Juliana Alves. As ferramentas de Interação do Ambiente Virtual de Aprendizagem: Instrumentos que Viabilizam as Inter-Relações entre Professores

e Alunos. **Gestão universitária** [online], [S.l.], 2015. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/as-ferramentas-de-interacao-do-ambiente-virtual-de-aprendizagem-instrumentos-que-viabilizam-as-inter-relacoes-entre-professores-e-alunos>. Acesso em: 30 Set. 2021.

MATTAR, João. **Guia de educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning: Portal Educação, 2011.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n34.17123>. Acesso em: 13 jul. 2021.

NETO, Elydio dos Santos; FRANCO, Edgar Silveira. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. **Revista de Educação do COGEIME**, [s.l.], n. 36, p. 9-25, 2010. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19074/3/Artigo%20-%20Elydio%20dos%20Santos%20Neto%20-%202010.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. 99-108. **Estudos de psicologia**, Campinas, p. 99-108, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a12.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

OLIVEIRA, Maria Eunice de; Stoltz, Tania. Teatro na escola: Considerações a partir de Vygostky. **Educar**, Curitiba, p. 77-93, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hLkXfdZ65VDTfztn8ng75Bd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jul. 2021.

PINHEIRO, Giovani Gonçalves. **Projeto minerva: rádio educativo no contexto da ditadura militar**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade estadual do oeste do Paraná, Cascavel, 2016. Disponível em: http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3366/5/Giovani_Pinheiro2016.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia escolar e educacional**, Brasília, v. 9, p. 303-312, 2005. Disponível: <https://www.scielo.br/j/pee/a/yLDq54PMBGp7WSM3TqyrDQz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jul. 2021.

ROCHA, Bárbara; XAVIER, Daniele; ROCHA, Erika; TAVARES, Virginia. **Pesquisa etnográfica EaD, pra quê?**. Fortaleza: FACED, 2014.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Paradigma da inclusão e suas implicações educacionais. **Forúm**, [s.l.], p.9-18, 2002. Disponível em: <http://seer.ines.gov.br/index.php/revista-forum/article/view/1129/1130>. Acesso em: 06 jul. 2021.

SILVA, Leandro Chagas da; PASSOS, Marinez Meneghello; ARRUDA, Sergio e Mello. Expressões faciais em situação de aprendizado. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2016, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Curitiba: Educere, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8045_4998.pdf. Acesso em: 05 jul. 2021.

SOARES, Letícia Farias; SCHOEN, Teresa Helena. **Medidas de prevenção à covid-19 no retorno às aulas**: Protocolos de 13 países. São Paulo: Scielo Preprints, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/1082/1590/1671>. Acesso: 20 jun. 2021.

SOUSA, Godofredo Pereira de. TV Educativa do Ceará - ano 6. **Revista de Comunicação Social**, Fortaleza, v. 9, n. 1/2, p. 83-103, 1979. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51330>. Acesso em: 21 set. 2021.

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; MORAES, Érica Brandão de; SANCHEZ, Maritza Consuelo Ortiz; SOUZA, Deise Ferreira de; PACHECO, Marina Caroline Marques Dias. O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente. **Research, society and Development**, v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153/7109>. Acesso em: 13 jul. 2021.